

Franceses prevêem novas dificuldades

REALI JÚNIOR
Nosso Correspondente

Paris — O governo brasileiro deve preparar-se para novas e importantes dificuldades financeiras com seus credores, apesar de ter conseguido a prorrogação das linhas de curto prazo. Segundo banqueiros franceses, prevalece junto aos meios financeiros internacionais um clima pesado, nervoso e preocupante em relação aos próximos meses. A mesma fonte revelou que não havia outra alternativa para os bancos estrangeiros a não ser manter as linhas interbancárias, pois ou ficavam com os bancos ou seus créditos caíam no Banco Central, uma solução ainda mais negativa. Isso, entretanto, não quer dizer que o caminho foi apainado para uma boa negociação com os bancos comerciais. A preocupação não se limita aos aspectos puramente financeiros e econômicos da própria dívida, mas envolve também aspectos da própria evolução política e social do País, em razão da multiplicação de movimentos grevistas de um lado e da indefinição de proble-

mas políticos de outro, entre eles, o da própria duração do mandato presidencial.

Como o Estado e JT haviam antecipado, o governo brasileiro conseguiu atravessar uma das datas consideradas fatais no seu relacionamento com a comunidade financeira internacional, renovando as linhas de crédito de curto prazo previstas nos projetos 3 e 4, no valor de 15 bilhões de dólares. Agora, para iniciar uma negociação da dívida comercial, os bancos continuam insistindo na apresentação preliminar de um programa econômico coerente, o que não foi feito até agora, apesar das promessas do governo, no telex enviado aos bancos. Por isso eles consideram a data de 20 de maio como decisiva, quando a moratória completa 90 dias, ocasião em que se vai saber a posição dos bancos norte-americanos em relação à suspensão do pagamento dos juros decretada pelo Brasil. Ainda antes desse prazo, algo vai ter de acontecer dos dois lados, afirma-se junto aos meios financeiros franceses. Outra data citada é a de primeiro de julho, quando o

Brasil deverá bater novamente às portas do Clube de Paris para tentar reescalonar a parte da dívida que vence no segundo semestre. Como se sabe, quando da negociação de janeiro só se obteve o reescalonamento dos vencimentos dos primeiros seis meses do ano. Ao contrário do que ocorreu anteriormente, agora será a negociação com os bancos comerciais que deverá ocorrer prioritariamente e que irá determinar o caminho da negociação com os credores oficiais.

A grande dificuldade brasileira não chega a ser a negociação propriamente dita, mas o objetivo do Brasil de manter uma taxa de crescimento de 4 a 5% ao ano, não admitindo nenhuma forma de recessão, isto é, os drásticos planos de austeridade econômica exigidos pelo Fundo Monetário Internacional.

SEQUESTRO DE BENS

Outra preocupação suplementar do governo brasileiro é o início de ações de sequestro de bens brasileiros no Exterior. O primeiro caso surgiu com o navio Lloyd Bahia em Ro-

terdã, através de uma ação judicial impetrada pela empresa de locação de Containers Flexi Van, mas em fase de liberação pela rápida ação das autoridades brasileiras que resolveram efetuar o pagamento. Ontem, em Roterdã, onde se encontra o navio do Lloyd, já se constata um certo alívio, prevendo-se uma rápida solução. A imprensa especializada se mostrava discreta em relação a esse caso, mesmo o principal jornal holandês, o **Deer Telegraaf**.

Ora, foi na Holanda onde se constatou a melhor boa vontade para a renovação das linhas de curto prazo. Segundo informações de representantes de bancos brasileiros naquele país, os bancos holandeses não esperaram o acordo de Miami com o comitê de bancos, não titubeando em renovar suas linhas de curto prazo. Essa prorrogação não se limitou aos dois meses recomendados pelo comitê, chegando mesmo a prorrogar certas operações por três meses. Também na Alemanha, Inglaterra e França, as renovações foram feitas mais tranqüilamente do que se esperava.